

## Prefácio

Vinícius Augusto Filipak

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FILIPAK, VA. Prefácio. In: MINAYO, MCS., and DESLANDES, SF., orgs. *Análise diagnóstica da política nacional de saúde para redução de acidentes e violências* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007, pp. 9-11. ISBN: 978-85-7541-541-2. Available from: doi: [10.747/9788575415412](https://doi.org/10.747/9788575415412). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/fx9hn/epub/minayo-9788575415412.epub>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## | PREFÁCIO

### ACIDENTES E VIOLÊNCIA, FLAGELO SOCIAL OU UMA REALIDADE PASSÍVEL DE MUDANÇA?

Enfrentar a violência e suas conseqüências é um desafio maior na trajetória da Saúde. Como médico, tenho convivido diariamente com o problema crucial de enfrentar as dificuldades no manejo da situação das vítimas de violência: dificuldade técnica para a obtenção da assistência médica resolutiva, seja por despreparo das equipes, ou seja por inexistência de insumos ou sistematização dos serviços.

Como profissional de saúde, ao observar o conjunto de fatores envolvidos na prática da assistência e da prevenção, é fácil constatar a inadequação dos serviços responsáveis, por carência de recursos, inviabilizando a resposta adequada, ou mesmo por desinteresse pela sua organização e conseqüente otimização.

Como cidadão, ao contemplar o cenário do qual faço parte, ao procurar analisar, entender e mesmo influir no resultado das ações, buscando alternativas, sugestões e ações concretas para este fim, é comum não encontrar eco nas instâncias competentes.

Este cenário, que tomo a liberdade de relatar de acordo com minha experiência pessoal, tem seu correspondente nas análises de cada um dos profissionais que fazem da violência seu campo de trabalho.

Enfrentar a violência transcende em muito o ato de cuidar. Muito tem sido escrito acerca da violência e suas múltiplas facetas, com seu impacto direto e indireto sobre a sociedade. Seu custo social é muito maior que o financeiro. O custo direto não reflete o real impacto do problema. Não é possível aquilatar o custo “indireto” – aquele representado pelo sofrimento individual, solitário, infundável dos pacientes, familiares e amigos na convivência diária com o problema e suas conseqüências.

Notadamente nas duas últimas décadas, o tema vem recebendo valorização crescente, não somente com medidas de enfrentamento direto – assistenciais, sobremaneira – mas também no campo do ensino e da pesquisa.

Dentre as medidas assistenciais, aquelas destinadas ao atendimento médico às vítimas têm sido as mais relevantes, pelo seu potencial de impacto na sobrevivência e diminuição das seqüelas. O grande investimento em capacitação de equipes multiprofissionais tem produzido excelentes resultados. A criação de redes assistenciais, potencializada pela consolidação do atendimento pré-hospitalar, é um passo decisivo para o implemento da qualidade assistencial.

No entanto, muito pouco se tem observado em relação ao tratamento das causas da violência. E não é de se admirar, posto que ela é fruto de uma intrincada rede de fatores cujo centro reside no indivíduo: ao mesmo tempo que devemos lutar pela nossa autonomia, é necessário delinear os critérios de relação do indivíduo com seu meio. Afinal, um comportamento de risco só muda a partir de uma decisão própria.

Ainda assim, não basta tratar os efeitos da violência sobre a sociedade. A multiplicidade de fatores causais torna seu enfrentamento um grande desafio ao poder público. Com novas tecnologias de diagnóstico e tratamento desenvolvidas continuamente, elevando exponencialmente o custo do tratamento, há consumo excessivo dos recursos públicos. Seu financiamento adequado, por conseguinte, é cada vez mais improvável.

Seria um paradoxo acreditar que a confiança no atendimento médico qualificado provocaria a liberação de um comportamento de risco, para determinada comunidade? Os números da violência não chegam eficazmente ao conhecimento público, para mudar os paradigmas de que cabe ao Estado a assistência integral, conforme rezam a Constituição da República e a Lei Orgânica da Saúde, e de que a violência é uma fatalidade, e não uma doença que tem fatores predisponentes, prevenção eficaz e tratamento limitado.

A implantação da Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências é um grande desafio: o de criação de uma política pública que trará luz à discussão das enormes fragilidades sociais que compõem a face da violência. É, em verdade, um ato de coragem do poder público que poderá colocar em xeque as diferentes (e freqüentes) incapacidades de enfrentamento – despreparo técnico, insuficiência individual e coletiva, desorganização, desinteresse, ações desarticuladas, sentimento de impunidade...

É no campo do ensino e pesquisa que reside nosso próximo grande desafio: mapear claramente o problema é expor mazelas sociais com inevitável conseqüência política e impacto social.

Nesta obra, com maestria, os autores exibem um retrato fiel do momento atual da implantação de uma parcela significativa da Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências (PNRMAV). A profundidade do diagnóstico, aliada à excelente contextualização do tema desde seu aspecto histórico retratando diferentes passos fundamentais do exercício político de enfrentamento da violência, permitirá ao leitor uma análise consistente.

Para o profissional de saúde, habituado ao convívio diário com múltiplos pacientes, serviços sobrecarregados, diagnósticos incompletos e terapêuticas ineficazes, este livro permitirá um olhar crítico a respeito de uma experiência concreta de cunho assistencial, com

potencial real de minimizar o sofrimento, dor e angústia de cada vítima, bem como de melhora da eficácia e eficiência do tratamento.

Para o gestor público, à volta com inúmeras possibilidades de intervenção, cada uma com custos e objetivos ímpares, possibilitará uma reflexão profunda a respeito do tema e a visualização do resultado inicial de uma ação concreta de implantação de uma política pública que tende a ser altamente eficaz, propiciando um marco histórico na ação protetora do Estado em relação à sociedade.

Para outros profissionais, bem como para a sociedade, permitirá avaliar a complexidade de uma ação multifatorial, seu imenso impacto social e a potencialidade de mudança do quadro atual para algo melhor: a capacidade que, juntos, temos de influir significativamente na evolução natural desta “doença social”, revestida de dor, sofrimento e perda.

Enfim, esta é uma obra indispensável para todos aqueles que dedicam seu interesse, seus esforços e atenções ao tema dos acidentes e violências e seus reflexos no campo da saúde.

Ao retratar, de maneira fiel, um marco histórico na ação coletiva contra a violência, constitui-se em elemento instigador, provocativo à reflexão e à ação! Mais que simples e competente relato, é, em verdade, um grande estímulo para novos olhares sobre o tema, cada vez mais atual e desafiador.

*Vinícius Augusto Filipak*

Médico, cirurgião geral, coordenador de Urgências e Emergências da Secretaria Estadual de Saúde do Paraná